

A HISTÓRIA ORAL COMO MEDIAÇÃO PARA UMA HISTÓRIA LOCAL E PÚBLICA NA ESCRITA DOCENTE¹

Cibele Aparecida Viana²

Resumo:

Esta comunicação pretende apresentar os resultados parciais de minha pesquisa de doutorado intitulada: “Escrita docente de História: um desafio epistemológico, didático e político”. Nessa investigação, parto do pressuposto de que os/as docentes do ensino básico – e abordo principalmente o saber-fazer dos/as professores/as de História – possuem uma produção escrita tão válida e qualificada como a científica. Um ponto crucial dessa reflexão é que a formulação da escrita docente (presente no planejamento das aulas, nas anotações no quadro, nos projetos pedagógicos etc.) se faz de forma entrelaçada com uma escuta atenta das culturas dos/as alunos/as e da comunidade escolar. E uma estratégia geralmente adotada pelos docentes para efetivação dessa escuta é o enfoque da história local, a qual, muitas vezes, aciona procedimentos e postulados da história oral. Assim, tanto sob uma perspectiva metodológica, como sob um viés ético-político, o recurso à história oral por docentes do ensino básico favorece um processo de ensino-aprendizagem mais significativo para os agentes nele envolvidos, uma vez que alicerçado em suas memórias (aí contidas as lembranças e os esquecimentos) oralizadas. Esta interface entre escrita docente, história local e história oral tem despontado como um aspecto simultaneamente relevante e ainda pouco visibilizado pela reflexão acadêmica. Ainda que a história oral seja associada a um conhecimento dialogado com as comunidades e seus agentes, ela não é tão considerada em relação à escrita do/a professor/a. Almejamos, assim, realçar como a história oral imbrica-se a uma configuração identitária docente comprometida com a publicização do conhecimento histórico de maneira mais inclusiva e crítica.

Palavras-Chave: Escrita Docente; História Local; História Oral; História Pública

Introdução

Em minha pesquisa de doutorado, que caminha para sua fase final, tenho empreendido uma análise das práticas, referenciais e diálogos implicados em uma escrita da história local efetivada por professores (a maioria licenciados em História) que atuam no ensino fundamental da rede municipal e estadual da cidade de Mariana, estado de Minas Gerais. Para tanto, a partir de 2020, formei uma equipe composta por 10 desses docentes que se voluntariaram a produzir

¹ Trabalho apresentado no Simpósio Temático “História Pública e Oralidade” durante o 15º Encontro Regional Sudeste de História Oral: Memória Corpo Mundo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES), a quem expressei meus agradecimentos, assim como à Universidade Federal de Ouro Preto pelo apoio recebido.

² Doutoranda em História na Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: cibelegouro@yahoo.com.br

textos sobre os distritos desse município. Ao longo de dois anos, esta equipe realizou encontros no formato *online*, em virtude do isolamento social imposto à época pela pandemia de Covid-19, onde inicialmente discutimos aspectos teóricos e metodológicos que dariam suporte à formulação textual que cada professor produziria. A partir de 2021, os docentes distribuíram entre si os 10 distritos³, assim constituídos temáticas de suas escritas, as quais seriam perspectivadas pelo enfoque por eles escolhidos. Constituiu-se uma dinâmica de trabalho interativa e colaborativa, sem esquemas pré-determinados: os encontros remotos eram marcados (e muitas vezes reagendados) em função das disponibilidades dos docentes.⁴ Logo a seguir, esses encontros passaram a ser fóruns em que cada professor/autor socializava seu texto em elaboração, ouvindo opiniões e sugestões de seus pares. Todo esse esforço culminou em uma produção colegiada, que foi lançada em livro em outubro de 2022,⁵ com o título: *Escrita docente sobre os distritos de Mariana: interfaces entre a história local e a história pública*.

Através da interlocução com os textos dos 10 professores da equipe, agora editados, minha pesquisa de doutorado tem investigado os fundamentos teóricos, conceituais e metodológicos que servem de base para a prática de escrita docente, bem como acerca da relação entre essa escrita e sua atuação cotidiana em sala de aula, considerando também a relação que mantêm com os moradores desses distritos e com as comunidades escolares nele sediadas. De forma concomitante, a pesquisa tem procurado problematizar a identidade do docente de História como autor de uma escrita/ensino, em imbricação (e não subordinação ou reprodução) com os postulados e a dinâmica de uma história de perfil acadêmico. Todo o percurso de caminhada metodologia da pesquisa ora em andamento se configura nas bases de uma pesquisa-ação, na qual os docentes não se limitam a efetuar tarefas, mas são considerados parceiros na reflexão sobre as mesmas.

Esta breve comunicação pretende discorrer um pouco sobre a escrita docente com enfoque na história local e sua estreita ligação com a oralidade, linguagem e prática comunicativa fundamental para produção de um saber sobretudo onde há uma carência de fontes de outra natureza. Além desta “parceria” entre as modalidades acadêmica e escolar do estudo histórico, entre a dimensão oral e escrita da linguagem, podemos visualizar ao longo do

³ Águas Claras, Bandeirantes, Cachoeira do Brumado, Camargos, Cláudio Manoel, Furquim, Monsenhor Horta, Padre Viegas, Passagem de Mariana, Santa Rita Durão.

⁴ Esse procedimento foi parcialmente inspirado na tese de doutorado em Educação da historiadora Nara Rúbia Carvalho Cunha, *Primaveras compartilhadas: “Enquanto desenvolvíamos as atividades formativas [de escrita] com os professores, buscamos nos aproximar de diferentes formas de tecer e intercambiar experiências”* (CUNHA, 2016, p. 90).

⁵ Em formato impresso e *e-book*. A publicação contém 10 capítulos, aos quais agregou-se uma reflexão teórico-metodológica sobre história pública e ensino de história, também produzida por um dos docentes convidados.

processo de pesquisa sua faceta “pública”, pois cada capítulo redigido pelos docentes contou com a inestimável contribuição da comunidade distrital que era nele tematizada, ao passo que o livro foi distribuído a todas as escolas de Mariana-MG.

1. A oralidade no processo de escrita docente

O estudo da história local em pequenas comunidades, como é o caso dos distritos do município de Mariana- MG, geralmente requer que o professor produza praticamente todo o material para trabalhar com esta temática. Para inserir, como está determinado em várias diretrizes educacionais, este tema nas aulas de história, o professor precisa utilizar vários recursos, como entrevistas, neste contexto é indispensável que o docente recorra a métodos da história oral.⁶

O trabalho com fontes orais pode ser realizado em qualquer lugar, pois toda localidade possui uma história múltipla, rica de fatos constituintes da vida familiar e relações sociais, trazendo a possibilidade de incremento nos conhecimentos do aluno sobre si e suas comunidades. Como destaca Thompson, a utilização das fontes orais como prática no ensino de história:

Promove o debate e a cooperação. Ajuda as crianças a desenvolver suas habilidades linguísticas, um sentido de evidência, sua consciência social e aptidões mecânicas. Para os professores de História, os projetos de história orais têm vantagem especial de franquear para o estudo a história da importância local. (THOMPSON, 1998, p. 218).

Nesse sentido, o alcance da utilização das fontes orais vai muito além da mera gravação de uma fita, ou transcrição de uma entrevista escrita. Utilizar as técnicas de história oral no ensino de história promove, também, um trabalho interdisciplinar ao possibilitar aos alunos desenvolverem habilidades linguísticas tanto faladas como escritas, pois, a elaboração das perguntas a serem feitas nas entrevistas, assim como a sua realização não podem prescindir da participação ativa destes.

Além disso, permite aos discentes formularem uma reflexão sobre o papel que exercem dentro da sociedade enquanto indivíduos. A tarefa de coletar evidências transfere para o aluno uma “responsabilidade” de escuta de versões sobre o processo histórico e sua interpretação, a qual evidencia sua importância na construção de conhecimento. No levantamento de fontes para auxiliar o professor na construção da história local os alunos têm a possibilidade de desenvolver, mesmo que de uma forma primária, habilidades de pesquisa e com isso passam a

⁶ Parte-se do pressuposto de que a história oral, mais do que uma metodologia, é uma abordagem.

enfrentar questões fundamentais como “quando confiar numa informação ou duvidar dela, ou como organizar um conjunto de fatos. Vivenciam a história em nível prático, como processo de recriação do passado” (THOMPSON, 1998, p. 219).

Como metodologia, consideramos, em afinidade com Teixeira e Praxedes que o conjunto de princípios teórico-epistemológicos que fundamentam e norteiam a elaboração da pesquisa que utiliza história oral porta um perfil qualitativo, vinculado ao pressuposto do sujeito de pesquisa ser um ator social e um ser de memória, de cultura e de história. “São sujeitos de reflexividade, que interpretam, que significam, ressignificam e dão sentido ao mundo, às suas vidas e às suas experiências”. (TEIXEIRA; PRAXEDES, 2006, p. 156). As autoras ainda pontuam que ao falar sobre sua trajetória os sujeitos elaboram conhecimentos próprios construindo e reconstruindo significados referentes às memórias, pessoas, relações e contextos. Este é um “percurso” que é feito sobre si e sua vivência, passando a “lapidar, a remodelar a si mesmos, as suas histórias” (TEIXEIRA, PRAXEDES, 2006, p. 165).

Ao possibilitar uma interação dos alunos/comunidade no processo de elaboração e construção da história de sua localidade, o ensino de história local ultrapassa os limites da sala de aula e leva o aluno a desenvolver habilidades e competências para uma melhor compreensão da historicidade que os cerca. O professor precisa atuar como um orientador, ajudando o educando a tecer os instrumentos que irão lhe possibilitar atingir uma melhor compreensão da dinâmica presente na sociedade em movimentos sociais, políticos e culturais a partir de uma visão micro para a macro

A reconstrução da história de um lugar ou de uma localidade implica partir do princípio de que a história está presente em todos os lugares, em todos os momentos. De que o lugar seja quando, qual e onde for, integra-se historicamente a espaços e contextos mais amplos, a partir dos papéis e condições econômicas, políticas, sociais e culturais vividas no dia-dia por seus habitantes e por ele próprio, no município no país e no mundo. (SANTOS, 2002, p. 110-111).

Ao nos lançarmos neste desafio de reconstruir parte da história de cada distrito da cidade de Mariana Minas Gerais, foi necessária uma intensa comunicação entre o professor/escritor, a comunidade (esta contemplando alunos e moradores). Em um primeiro momento, como já salientado, a busca por fontes para cada artigo foi feita pelo professor/autor por meio das redes sociais. Esse movimento muitas vezes nos trouxe frustrações, ao não termos retorno para nossos pedidos de informações. Em contrapartida, a este “vazio” de retorno aos nossos contatos, houve momentos em que, os entrevistados nos brindaram com descobertas de histórias que nos

revelaram várias peculiaridades locais, além de “reliquias” como um livro de poemas escrito por uma moradora do distrito de Águas Claras⁷, onde podemos constatar não só o talento para ensinar desta mestra, mas a presença de questionamentos presentes ainda nos nossos dias.

As potencialidades da história oral, como constatamos ao longo de nossas pesquisas para a escrita da história dos distritos de Mariana–MG, pode nos levar a obter novos objetos e documentações que estavam praticamente perdidos sobre a comunidade pesquisada, reformulando para estes moradores o papel da história e do professor como um agente cultural mediador:

[...] a história oral, precisamente na medida em que se constitui num encontro com sujeitos da história, pode contribuir para reformular o eterno problema da pertinência social da história e também o do lugar e do papel do historiador na cidade: por isso mesmo ela pode representar para a história, como disciplina, uma chance que não se deve subestimar. (FRANÇOIS, 2006, p. 9-10).

Reiteramos, portanto, que a escrita da história local conjugada com a utilização da metodologia da história oral é um instrumento pedagógico de grande eficácia pois demanda dos sujeitos resgatar o vivido, através da memória, ressignificando-a, reinterepretando-a. Nesse processo, há uma produção de conhecimento, que passa por momentos de identificação e de subjetivação, ou seja, por um processo de formação. Dessa forma, os sujeitos elaboram ideias sobre si mesmos, sobre os outros com quem conviveram, sobre suas relações e seus contextos. Nesse exercício há uma invenção e reinvenção do sujeito, um pleno processo formativo:

Uma pedagogia da memória será, nestes termos, uma pedagogia da pluralidade e da diferença de tempos e culturas que, concomitantemente, promoverá uma nova relação do aluno com a duração e uma nova tolerância face ao outro, que tão arredia tem andado da historiografia escolar tradicional. Uma pedagogia da memória pressupõe ainda uma pedagogia do sujeito, o que, em termos didáticos, se traduz na adoção de estratégias implicativas inerentes a qualquer aprendizagem que se pretenda ativa. Numa pedagogia que tenha em conta a pluralidade de tempos e culturas, ocupam lugar privilegiado os estudos de história local. (MANIQUE e PROENÇA, 1994, p. 28).

2. A dimensão pública da história local

⁷ A moradora em questão foi a primeira professora do Distrito e hoje nomeia a Escola da localidade. No poema intitulado “A imprensa”, ela destaca a importância da imprensa no século XX: “A imprensa é arma poderosa. Para se construir qualquer castelo”, chamando a atenção para o fato desse veículo de comunicação possuir dimensões múltiplas: “Imprensa, grande utilidade. Tanto podes o bem quanto o mal fazer”. (GOMES, 1980, p. 142). Vale destacar que este livro foi publicado em 1980, mas é uma coletânea de poemas escrito pela autora ao longo de muitos anos.

Podemos considerar a aula de História como a primeira forma de publicização com que a maioria das crianças e adolescentes tem contato e, de modo simplista considerar este um trabalho destinado a comunicar o conhecimento histórico a um público fora da universidade. Efetivamente, a história pública pode ser entendida como uma abordagem de saber histórico que surge nos anos 1970, como uma modalidade de engajamento dos historiadores de ofício com a produção do passado-presente para públicos que ultrapassavam os domínios disciplinares, como a escola e a academia” (ABREU; CUNHA, 2019, p. 118).

No levantamento das fontes para a escrita sobre a história local, o docente privilegia uma metodologia com várias premissas defendidas pela história pública: ela orienta o pesquisador a se colocar junto à comunidade não como aquele que transmite um conhecimento cientificamente abalizado (portanto supostamente “superior” ou mais qualificado), e sim quem compartilha e reconhece a validade dos diversos tipos de conhecimento portados pelas partes em diálogo, que mutuamente se responsabilizam pela construção de significados e explicações ao vivido.⁸

A grande força desta abordagem à história pública é o seu desejo de uma ‘autoridade compartilhada’ [...] ou uma ‘história dialógica’ [...] que dá poder para que as comunidades definam seus próprios passados. Esta abordagem se baseia no entendimento de que a história de trabalhadores, mulheres, grupos étnicos e de pobres requer variadas matérias-primas, incluindo histórias orais, porque muitas vezes as pessoas, ao invés dos [historiadores] profissionais, são as maiores autoridades sobre seus próprios passados. Na busca por novos materiais, incluindo histórias orais, muitos historiadores profissionais treinados têm visto como comunidades puderam definir suas próprias histórias econômicas e sociais. [...]. Alguns [desses historiadores profissionais] têm o interesse na capacitação [empoderamento] comunitária e vincular à história pública outros modos de organização comunitária. (HAYDEN, 1997, p. 48-49).

Eu e meus colegas do ensino básico de Mariana, com os quais pude produzir o livro sobre a escrita docente da história local, procuramos no dia a dia em nossas salas de aula, trabalhar de forma comprometida com a diferença de nossos alunos. Cada item de nosso programa curricular deve considerar o sentido ético e seus usos na provocação de debates públicos; indo além de transposições acadêmicas, precisam configurar-se como mediação e abertura a outros saberes. Almeja-se que, ainda, ultrapassem a mera reprodução de modelos,

⁸ Em outra definição-síntese, afirmam ALMEIDA, ROVAI, 2011, p. 7: “A história pública é uma possibilidade não apenas de conservação e divulgação da história, mas de construção de um conhecimento pluridisciplinar atento aos processos sociais, às suas mudanças e tensões. Num esforço colaborativo, ela pode valorizar o passado para além da academia; pode democratizar a história sem perder a seriedade ou poder de análise. Neste sentido, a história pública pode ser definida como um ato de ‘abrir as portas e não de construir muros’.”.

descolonizando-os de modo que a história pública vá além de uma “utilidade” e seja uma ciência humanizada onde os processos são intensamente colaborativos e onde todos os partícipes sintam sua importância como integrantes da história e de sua comunidade.

Conclusão

Na vivência cotidiana de nossas pesquisas, quando enfim nos foi possível realizar, presencialmente, entrevistas com os moradores pertencentes aos distritos, foi possível detectar a importância da dimensão colaborativa que a escrita docente da história local proporciona aos moradores, como podemos perceber nas palavras de Maria Julia Miranda Maia sobre a menção de um poema escrito por seu pai no artigo referente a Águas Claras: “Muito obrigada por mencioná-lo em seu artigo o que não deixa de ser uma homenagem”.

Ao realizar visitas a diversos moradores experimentamos a receptividade destes que fizeram questão de “abrir as portas de suas casas para nos receberem, e compartilhar conosco todas as lembranças de seu “velho baú de memórias”. Entre as muitas experiências cito como as entrevistas no distrito de Furquim extrapolaram a relação entrevistador-entrevistado. Vários moradores dessa localidade, além de enunciarem suas lembranças, nos fizeram sentir como se fôssemos membros daquela comunidade ao abrir suas portas e nos receber com a famosa receptividade que faz parte do imaginário sobre os habitantes de Minas. Além do bom papo, fomos brindados, em diversas residências, com um delicioso café com quitutes e o convite para voltar em uma outra ocasião, pois para alguns como o Sr. Clementino (mais conhecido na comunidade como Sr. Nozinho): “deveríamos ficar só na sua residência um dia inteiro”.

Essa e outras experiências nos revelaram que a dimensão colaborativa da escrita da história dos distritos de Mariana possibilitou aos que se dispuseram a nos conceder relatos de suas vivências naquela localidade uma:

[...] uma reformulação de sua identidade, na medida em que ele se vê perante o outro. Ele se percebe “criador da história” a partir do momento em que se dá conta que, mesmo minimamente, transformou e transforma o mundo (talvez até sem ter a consciência disso), questionando elementos da vida social. Então ele para e reflete sobre sua vida e este momento é acirrado pelas entrevistas, ocorrendo com frequência _ se vê como um ator social e “criador da história”. Essas pessoas, de objetos da pesquisa, se tornam sujeitos, pois percebem não só sua história de vida, mas seu projeto de vida nesse processo de autoanálise (LE VEM 1997, p. 220).

Referências bibliográficas:

ABREU, Marcelo Santos de; CUNHA, Nara Rubia de Carvalho Cunha. Cultura de história, história pública e ensino de história: a investigação e formação de professores de história. *História Hoje*, v. 8, n. 15, p.111-134, 2019.

ALMEIDA, Junielle Rabêlo de; ROVAI, Maeta Gouveia de Oliveira Apresentação in: (Org.). *Introdução à história pública*. Florianópolis: Letra e Voz, 2011. p. 7-15.

GOMES, Celina Célia (Clênia Cléia). *Retalhos do passado* (Deus, amor e poesia.). Belo Horizonte, 1980.

CUNHA, Nara Rúbia de Carvalho. *Primaveras compartilhadas: (re)significando a docência na relação com cidade, memória e linguagens*. Tese (Doutorado em Educação). 255f. 2016. Universidade de Campinas, Campinas, 2016

FRANÇOIS, Etienne. A fecundidade da história oral. In.: Amado, Janaína; Ferreira, Marieta de Moraes (orgs.) *Usos & Abusos da História Oral*.8ª Ed. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2006;

HAYDEN, Dolores. *The power of place: urban landscapes as public history*. Cambridge: MIT Press. 1997.

LE VEM, Michel Marie et al. História oral de vida: o instante da entrevista. In: VON SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes, (org.). *Os desafios contemporâneos de história oral – 1996*. Campinas: Área de Publicações CMU/Unicamp, 1997.

MANIQUE, Antônio Pedro .; PROENÇA, Maria Cândida. *Didáctica da História: Património e História Local*. Lisboa: Texto Editora, 1994.

SANTOS, Joaquim Justino Moura dos. História do Lugar: Um método de ensino e pesquisa para as escolas de nível médio e fundamental. *História, Ciências e Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, vol. 9, 2002.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro; PRAXEDES, Vanda Lúcia. História oral e educação: tecendo vínculos e possibilidades pedagógicas. In: VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro.; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs.). *História oral: Teoria, educação e Sociedade*. Juiz de Fora, MG: Ed. UFJF, 2006.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado*. 2ª. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998.